

Paraná saúde

SUPLEMENTO JORNAL O PARANÁ
DOMINGO, 14 DE ABRIL DE 2019



Síndrome do coração partido pode ser perigosa

PÁGINA 6



ALGUNS **ANJOS** TÊM ASAS,
OUTROS VENDEM **SEGUROS**.

SEGUROS PESSOAIS

- Automóveis
- Profissional Liberal
- Vida Individual
- Residencial

SEGUROS EMPRESARIAIS

- Condomínio
- Empresarial
- Transporte
- Vida em Grupo
- Multirisco Rural

www.vipdinamica.com.br



DINÂMICA
CORRETORA DE SEGUROS

ESCRITÓRIO 1 . 45 3225-0406
Rua Salgado Filho, 1956 - Centro
ESCRITÓRIO 2 . 45 3037-1037
Rua Lins 180 - Sl 102 . Bairro São Cristóvão
ESCRITÓRIO 3 . 45 3306-8081
Av Rocha Pombo 1504 . Bairro Nova York
CASCAVEL . PARANÁ

Brasil é país da América Latina com mais casos de depressão



SERVIÇO:

O QUE: Workshop Cuide-se + Saúde Mental

ONDE: Cascavel

QUANDO: 24/abril - 9h

ONDE: Casa da Indústria de Cascavel
(Rua Vicente Machado, 619)

INSCRIÇÕES: <https://bit.ly/2K2IGKV>

ONDE: Londrina

QUANDO: Quando: 28/maio - 14h

ONDE: Casa da Indústria de Londrina

ONDE: Maringá

QUANDO: Quando: 29/maio - 8h30

ONDE: Casa da Indústria de Maringá

De acordo a OMS (Organização Mundial da Saúde), até 2020 a depressão será o primeiro motivo de afastamento do trabalho no mundo. A OMS aponta ainda que o Brasil é o país da América Latina com mais casos de depressão, que atinge aproximadamente 5,8% da população brasileira.

Só em 2017, episódios depressivos foram classificados como a décima doença com mais afastamentos do trabalho, segundo informações da Secretaria de Previdência do Governo Federal.

Por isso, é importante que as empresas estejam atentas à saúde mental dos seus colaboradores. "Quando falamos em segurança e saúde do trabalhador nas indústrias, devemos levar em consideração também a saúde mental dos colaboradores e o bem-estar no ambiente de trabalho", explica Maria Cristhina de Souza Rocha, gerente de Projetos Estratégicos do Sistema Fiep (Federação da Indústria do Estado do Paraná).

Para promover um espaço de diálogo e troca de conhecimento, o Sistema Fiep, por meio do Sesi no Paraná,

promove o Workshop Cuide-se + Saúde Mental. Os eventos ocorrerão em Cascavel, Londrina e Maringá, durante abril e maio. Em Ponta Grossa, a ação aconteceu na última semana. As inscrições são gratuitas e podem ser realizadas no site <https://bit.ly/2K2IGKV>.

Interessados e responsáveis pelas áreas de RH e departamento pessoal estão convidados a participar, para contribuir com a saúde mental dos trabalhadores ao longo de sua vida produtiva. Psicólogas especializadas

trarão dados sobre saúde mental, informações e dinâmicas sobre o tema. "É muito importante debater esse tipo de assunto para orientar e sensibilizar as organizações sobre a promoção de ações e implementações de programas para prevenir e mitigar a materialização dos riscos psicossociais no ambiente de trabalho, os quais, se mal gerenciados podem onerar as empresas por meio de afastamentos, absenteísmo e presenteísmo dos colaboradores", reforça Maria Cristhina.

Cuide-se +

O Workshop é uma realização do programa Sesi Cuide-se +, do Sesi no Paraná. O objetivo do programa é levar hábitos saudáveis para o trabalhador da indústria por meio da prevenção e da educação em oito eixos: Prevenção ao Uso de Álcool e Outras Drogas, Alimentação Saudável, Prevenção do Câncer, Prevenção de Acidentes de Trabalho, Saúde Mental, Prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis, Prevenção de Doenças Crônicas e Estímulo a Atividades Físicas. O Cuide-se+ oferece consultoria para as indústrias, que podem solicitar um atendimento mais específico para a sua realidade. Porque quando a indústria investe nas pessoas, estabelece uma relação de respeito e valorização, que resulta em engajamento. Uma parceria que faz com que o trabalhador perceba que seu papel é fundamental para o crescimento da indústria.

Três em cada cem mortes no País podem ter influência do sedentarismo

Praticar esportes é fundamental para o corpo e para a mente e ajuda a prevenir doenças como diabetes e hipertensão. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), o sedentarismo é considerado o quarto maior fator de risco de mortes no mundo.

O alerta vem do Ministério da Saúde: três em cada 100 mortes registradas em 2017 no Brasil podem ter sido influenciadas pelo sedentarismo.

Dados do SIM (Sistema de Informações sobre Mortalidade), do Ministério da Saúde, apontam que, dos 1,3 milhão de óbitos registrados em 2017, 34.273 estão relacionados a doenças como diabetes, câncer de mama e o de cólon e

cardiovasculares. Males que estão relacionados à falta da atividade física no dia a dia.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), o sedentarismo é considerado o quarto maior fator de risco de mortes no mundo.

Praticar esportes, sejam de baixo ou de alto impacto, é fundamental para o corpo e para a mente. Além de prevenir as Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT) ligadas ao excesso de peso, como a hipertensão e o diabetes; as cardiovasculares e a alguns tipos de cânceres, o exercício regular desencadeia uma série de efeitos benéficos ao corpo. Além disso, caminhada, lutas e outras modalidades esportivas melhoram o condicionamento físico,

auxiliam o controle de peso, alivia o estresse, melhora a qualidade do sono, entre outros benefícios que podem ser observados.

ESTUDO

Dados da Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel 2017) apontam que 37% dos brasileiros que moram

nas capitais praticam atividade física pelo menos 150 minutos por semana, o recomendado pela OMS. Os homens (43,4%) se exercitam mais do que as mulheres (31,5%). A faixa de 18 a 24 anos é a mais ativa, 49,1% da população tem o esporte inserido no cotidiano, seguidos pelos de 25 a 34 anos (44,2%).

O levantamento também aponta que 47% dos

brasileiros que praticam atividade física possuem 12 anos ou mais de escolaridade, enquanto 23,3% têm de 0 a 8 anos de escola. As capitais brasileiras onde se pratica mais atividade física são: Distrito Federal (49,6%), Palmas (45,9%) e Macapá (45,5%) enquanto que São Paulo (29,9%), João Pessoa (34,45) e Recife (35,2%) têm os piores índices.



Evitando o sedentarismo

Um dos incentivos do governo federal para a prática de atividade física é o Programa Academia da Saúde. Os municípios recebem recursos para financiar a implantação de polos que contam com uma infraestrutura e equipamentos adequados e profissionais qualificados para promover práticas corporais e atividade física, promoção da alimentação saudável e educação em saúde. Além das práticas corporais (dança, jogos, aeróbica, dentre outros), que vão estimular o movimento, o gasto energético, o autoconhecimento, o equilíbrio e outros componentes da produção do cuidado devem ser incentivados e promovidos nos polos, como as práticas integrativas e com grupos multiprofissionais que vão auxiliar e monitorar os usuários.

expediente

DESDE 15 DE MAIO DE 1976

O Paraná
Jornal de Fato

Jornal Oparana S/A CNPJ: 21.819.026/0001-36 Matriz
Jornal Oparana S/A CNPJ: 21.819.026/0002-17 Filial

Redação, administração, publicidade e oficinas
Rua Pernambuco, 1.600 - Cascavel - PR
CEP 85.810-021 - Caixa Postal 761
Telefone Central (45) 3321-1000 Fax (45) 3321-1020

Direção-Geral
Clarice Roman

Diretor
Jadir Zimmermann
diretor@oparana.com.br
jadir.jornalista@gmail.com

Editora-chefe
Carla Hachmann
editoria@oparana.com.br
www.oparana.com.br

Curitiba / São Paulo / Merconet
(41) 3079-4666

Brasília, Florianópolis/Central
(61) 3323-4701 / (48) 3216-0600
Porto Alegre/Expansão Brasil
(51) 3340-1408

Emails
redacao@oparana.com.br

comercial@oparana.com.br

assinaturas@oparana.com.br



Quase 2 mil mulheres morrem por ano no pós-parto no Brasil

No Brasil, acontecem quase 2 mil mortes obstétricas por ano, segundo o levantamento da Anadem (Sociedade Brasileira de Direito Médico e Bioética), usando como base o DataSUS, plataforma de dados e estatísticas do SUS (Sistema Único de Saúde).

De acordo com a pesquisa, foram 1.917 óbitos maternos em 2015, enquanto em 2016 ocorreram 1.829 mortes de mulheres durante e após o parto. Os períodos que constam no levantamento são os mais recentes disponibilizados pelo SUS.

De acordo com a Anadem,

as condições encontradas nas estruturas de saúde são algumas das principais causas para esse cenário. “Alertar para a infraestrutura precária da saúde no Brasil serve para as mais importantes pautas de qualquer política adotada pelos gestores públicos”, afirma Raul Canal, presidente da Sociedade.

Já sobre a mortalidade de recém-nascidos, o DataSUS mostra que, anualmente, mais de 3% das crianças no Brasil morrem em seu primeiro ano de vida. Somente em 2018, foram 18,8 mil mortes.

“Em um país em que se discute a previdência por

notar o envelhecimento da população, não se pode deixar tantas vidas se perderem em seus primeiros meses. É um gravíssimo erro de saúde pública e até de estratégia financeira”, pontua Canal.

PELO MUNDO

A OMS (Organização Mundial da Saúde) acaba de divulgar estudo, via Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), sobre água, saneamento e higiene nos hospitais pelo mundo.

Trecho desse levantamento aponta que 15% das mulheres têm complicações pós-parto, causando 303 mil

mortes por ano no mundo, sendo 99% de falecimentos em países de baixa renda. Esses dados foram apontados pelo grupo Evitando Morte Materna e Deficiência (AMDD, em inglês), da Escola de Saúde pública da Universidade de Columbia Mailman.

A OMS ainda apresentou que a precarização da higiene nas estruturas de saúde matou pelo menos 900 mil recém-nascidos em todo o planeta, enquanto os números gerais de mortes de bebês estão em torno de 2,7 milhões anuais.

A análise da organização diz também que, cerca de 20% dos hospitais em todo

o mundo, não contam sequer com banheiros adequados e que um montante de 1,5 bilhão de pessoas no mundo são afetadas com a falta de estrutura.

SOBRE A ANADEM

Criada em 1998, a Anadem (Sociedade Brasileira de Direito Médico e Bioética) promove o debate sobre problemas relacionados ao exercício profissional da medicina. Por meio da análise de discussões relacionada a esse tema, a Anadem apresenta soluções não só no campo jurídico, mas em todas as áreas de interesse do médico associado.

Tratamento de linfoma de Hodgkin e infertilidade: entenda os riscos

Diante de um diagnóstico de câncer, inúmeras preocupações podem surgir, como a infertilidade, efeito colateral comum no tratamento da doença. Quando falamos sobre linfoma de Hodgkin, câncer de sangue que atinge principalmente jovens em idade reprodutiva - entre 15 e 35 anos -, quando muitos sonham em ser pais, esse medo é ainda maior.

A doença atinge pequenos órgãos chamados linfonodos, que pertencem ao sistema linfático, responsável por reproduzir e transportar as células encarregadas pela imunidade do organismo. No caso do linfoma de Hodgkin, esses linfonodos incham em partes do corpo como na virilha, pescoço e axilas, prejudicando as funções do sistema linfático. Entre os principais sintomas estão febre, cansaço, coceira pelo corpo, suor à noite e perda de peso.

Guilherme Perini, hematologista do Hospital Israelita Albert Einstein, explica que a quimioterapia e a radioterapia podem afetar as células dos órgãos reprodutores, como os ovários e os testículos, tornando os pacientes inférteis. Entretanto,

essa condição nem sempre é permanente e pode ser evitada. “No caso do linfoma de Hodgkin, as taxas de infertilidade em primeira linha de tratamento são muito baixas, já que as drogas utilizadas atualmente não têm tanto impacto, comparado com as usadas para outras doenças. Porém, quando partimos para outras linhas de tratamento, com transplante, seja autólogo ou alogênico, e radioterapia, esses números aumentam”, explica.

Um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa sobre o Câncer de Londres, entre os anos 1960 e 2004, demonstrou que, dependendo do tipo de tratamento, o risco de as mulheres desenvolverem menopausa precoce aos 40 anos foi de até 70%. A menopausa faz com que o corpo interrompa a produção de hormônios femininos e, com isso, causa a infertilidade. “Porém, é importante alertar que esse índice pode variar de acordo com a medicação, a dose utilizada e a idade da mulher”, ressalta o médico.

ESTRATÉGIAS

Para evitar riscos de nunca poder ter filhos, existem diversas estratégias

para preservar a fertilidade antes mesmo do tratamento. Para os homens, utiliza-se a técnica de congelamento de sêmen. Já para as mulheres, existem quatro alternativas: o congelamento de óvulos e embriões, que são coletados e armazenados em condições especiais; o congelamento do tecido ovariano, feita com cirurgia por videolaparoscopia para retirar parte do ovário e realizar uma preparação e congelamento do tecido; e a supressão ovariana, na qual a paciente toma um remédio que bloqueia a produção hormonal para induzir uma menopausa temporária,



LINFOMA DE HODGKIN (LH)



Tipo de câncer raro

Incidência varia de 1 a 3 casos a cada 100 mil habitantes no Brasil

Os linfonodos, conhecidos como gânglios, aumentam de tamanho



Acomete o sistema linfático, onde são produzidas células de defesa do organismo

Fonte: Takeda Farmacêutica

Folha Arte

tornando os folículos menos sensíveis ao tratamento.

“Como tratamos de um câncer com altíssimas chances de cura - cerca de 70 a 90% ainda na primeira linha de tratamento -, temos que nos preparar

para atender aos futuros planos do paciente, entre elas a preservação da fertilidade. Por isso, é importante que o médico discuta com o paciente o impacto da doença na saúde reprodutiva de forma clara antes do início do tratamento”, recomenda Perini.

O paciente, por sua vez, tem a opção de consultar um especialista em fertilidade, profissional em técnicas de reprodução assistida, para preservar sua fertilidade. Guilherme aconselha esperar de um a dois anos depois do tratamento do câncer para engravidar, dessa forma é possível acompanhar o período de remissão sem riscos. “Contudo, a decisão precisa ser discutida caso a caso”, finaliza o especialista.

Fonte: <https://www.takeda.com>

Foto de celular pode prevenir cegueira infantil



A campanha Abril Marrom de combate à cegueira que este mês movimentou toda a comunidade oftalmológica do País esbarra em um grande obstáculo: o “teste do reflexo vermelho”, popularmente conhecido como “teste do olhinho”, só é obrigatório no Distrito Federal e em 16 dos 26 estados brasileiros.

Segundo o oftalmologista Leôncio Queiroz Neto, do Instituto Penido Burnier, o exame deve ser feito logo após o parto para checar a presença de catarata, glaucoma, retinoblastoma (tumor no olho) ou a retinopatia da prematuridade em bebês prematuros. “Todas essas doenças são congênitas, ou

seja, manifestam-se desde o nascimento e respondem por 70% dos casos de perda da visão na infância”. Por isso, o teste do olhinho é uma importante ferramenta de prevenção da cegueira infantil.

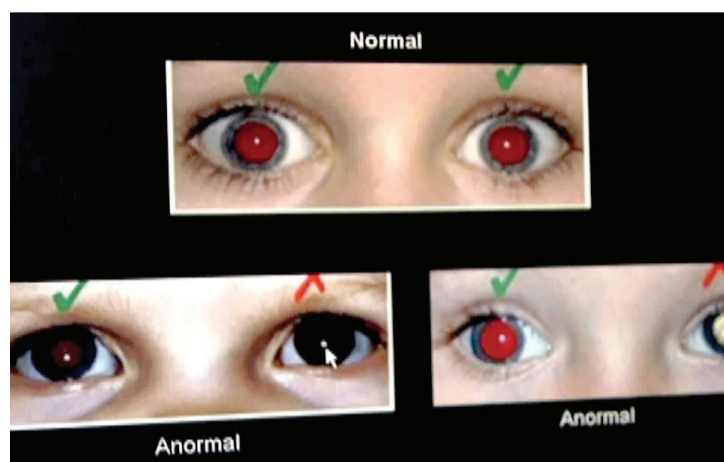
O exame consiste em direcionar para a menina do olho do bebê um oftalmoscópio, equipamento semelhante a uma lanterna com lente refletora. Quando o reflexo é vermelho e contínuo indica que todas as estruturas oculares estão íntegras. “Se o reflexo for esbranquiçado ou descontínuo, sinaliza que a criança deve ser encaminhada a um oftalmologista para que possa receber o tratamento correto”, ressalta.

Queiroz Neto afirma que o teste do olhinho tem baixo custo, mas diversos projetos de lei com a proposta de estender a obrigatoriedade do exame a todo o território nacional vêm encontrando dificuldade de aprovação no congresso nacional. Esse foi o caso do Projeto 4090/2015, que em 28 de março deste ano foi devolvido sem manifestação pelo relator da CFT (Comissão de Finanças e Tributação) na Câmara dos Deputados.

Como fotografar o bebê

A boa notícia é que famílias sem plano de saúde ou que moram em estados onde o exame não é obrigatório também podem se prevenir. Os pais podem fotografar do olho do recém-nascido com o celular e encaminhar a um especialista do serviço oftalmológico mais próximo credenciados ao SUS (Sistema Único de Saúde).

Leôncio Queiroz Neto explica que, enquanto a mãe segura a cabeça do bebê e abre as pálpebras de um olho, depois do outro, a foto pode ser tirada com flash em um quarto escurecido, posicionando o celular a uma distância de 30 centímetros do olho. Se o reflexo da foto não for avermelhado ou apresentar algum desvio, a criança deve ser levada o quanto antes para consulta oftalmológica.



Catarata

O oftalmologista Leôncio Queiroz Neto afirma que a maior causa de perda da visão na infância é a catarata, opacificação do cristalino que precisa ser operada nos primeiros meses de vida, principalmente quando atinge os dois olhos simultaneamente. Algumas crianças só são diagnosticadas mais tarde e, via de regra, vão passar a vida toda sem enxergar.

Esse não foi o caso de Eduardo Rodrigues. A mãe Ana Rodrigues conta que o marido percebeu o olho de Eduardo esbranquiçado quando ele já tinha três anos. Ela lembra que, na consulta, Queiroz Neto disse aos pais que é raro recuperar a visão. A cirurgia seria uma “caixinha de surpresa” porque a catarata estava bastante madura e dificultava checar outras alterações no olho. Felizmente, quando foi retirado o curativo da cirurgia e o oftalmologista pediu a Eduardo para descrever um desenho na parede, ele disse: “É um menino de boné”. “Todos nós batemos palma, comemorando. Nunca vou me esquecer desse dia”, conta Ana. Queiroz Neto afirma que nem sempre a catarata congênita afeta os dois olhos. “Já fiz várias cirurgias em crianças que tiveram apenas um olho afetado”.

A doença, ressalta, geralmente está relacionada a doenças infecciosas como toxoplasmose, rubéola ou outras contraídas pela mãe na gestação. O importante é nunca desistir de cuidar da visão. A primeira consulta na infância deve ser feita aos três anos, quando os pais não usam óculos e aos dois anos, quando usam.

Glaucoma infantil

O glaucoma na infância tem as mesmas características da doença entre adultos - aumento da pressão interna do olho e lesões no nervo óptico. O oftalmologista Leôncio Queiroz Neto afirma que a maior diferença é a necessidade de operar praticamente todos os casos na infância. As causas podem ser hereditariedade ou infecções durante a gravidez.

Retinopatia da prematuridade

A doença está em ascensão na infância por causa das gestações precoces entre adolescentes. Segundo o oftalmologista Leôncio Queiroz Neto, atinge 30% dos bebês prematuros, é caracterizada pelo crescimento de vasos na retina que podem provocar seu deslocamento, é mais prevalente entre os nascidos com menos 1.500 gramas ou antes da 32ª semana de gestação. O tratamento é feito com aplicação de laser de argônio ou diodo que coagula os vasos sob anestesia local. As principais recomendações de Queiroz Neto durante a gestação para evitar as doenças congênitas no bebê são: lavar bem verduras, frutas e legumes, manter as mãos limpas, conferir a carteira de vacinas, especialmente se tomou a segunda dose da vacina de rubéola antes de engravidar e evitar as aglomerações.

SUTIÃ & CONJUNTOS

COM ATÉ 40% OFF

Feliz Páscoa!

PROMOÇÃO VÁLIDA DURANTE O MÊS DE ABRIL OU ENQUANTO DURAR O ESTOQUE

[/bellamulhermodaintimacascavel](#)
[/bellamulhermodaintimatoledo](#)
[@bellamulhermodaintima](#)

Mais de 200 mil novos casos de hanseníase detectados a cada ano

A hanseníase é uma doença crônica e transmissível, causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, que se multiplica lentamente, levando a sintomas que podem demorar até 20 anos para aparecer. Ela afeta principalmente os nervos periféricos e está associada a lesões cutâneas características. Sem tratamento, pode causar danos aos nervos, demonstrados por fraqueza nas mãos e pés e pela presença de deformidade

visível. Embora a doença seja completamente curável, com uma terapia que é gratuita, a demora em iniciar o tratamento pode levar à incapacidade permanente.

Atualmente, mais de 200 mil novos casos de hanseníase são detectados no mundo a cada ano. Dessas ocorrências da doença, 80% são registradas em três países - Brasil, Índia e Indonésia. A patologia foi eliminada como problema

de saúde pública em 23 países das Américas - isso significa que, nessas nações, há menos de um caso de hanseníase em cada 10 mil habitantes registrados para tratamento. Em 2017, 29.101 novos episódios de hanseníase foram registrados no continente americano - mais de 93% deles no Brasil. O ginecologista e obstetra Alberto Guimarães explica sobre a hanseníase durante a gravidez. Confira.

● Que problemas a hanseníase durante a gestação pode trazer à mãe e ao bebê?

A hanseníase começa de uma forma aparentemente inocente, com uma alteração na pele, e o desfecho pode levar a grandes mutilações, por isso quando um infectado era identificado ele era isolado, porque as pessoas começam a perder partes do corpo devido ao processo de atrofiamento e deformação, o que acabava causando uma segregação, sem o convívio com a sociedade.

● Como é o tratamento da doença quando a paciente está grávida?

Como é uma doença que avança de uma maneira lenta e gradual, muitas pessoas que nem sabem que tem hanseníase acabam engravidando. Caso o diagnóstico seja feito durante a gestação, a principal questão é o tratamento que envolve vários medicamentos e que podem ter alteração no bebê, mas isso depende da fase que foi feito esse diagnóstico e do momento e que se inicia o tratamento. O tratamento da hanseníase dentro e fora da gravidez é o mesmo, com polimedicção, ou seja, a utilização de vários medicamentos.

● Como a gestante pode evitar a hanseníase?

A hanseníase é transmitida principalmente por meios respiratórios, então é importante para a mulher - e não só a gestante - evitar os grandes conglomerados, a convivência em espaços com pouca ventilação, ou lugares aonde as pessoas não tem muita higiene. Uma abordagem interessante seriam campanhas que pudessem lembrar as pessoas que a hanseníase continua existindo, mesmo que a gente viva em um momento onde o zika vírus exige muitos recursos para descobrir como lidar com esse vírus, no Brasil ainda existem mais de 30 mil casos de hanseníase novos por ano e que passam despercebidos. É necessário que as pessoas estejam atentas ao seu próprio corpo e principalmente lembrar que manchas na pele e diminuição de sensibilidade (térmica, dolorosa e tátil) são situações que precisam ser investigadas. Se for feito o diagnóstico, a pessoa tem que entender a importância de ser tratado, geralmente o tratamento é longo, dependendo da fase da doença, e não é algo que termina em uma semana ou um ano, é um acompanhamento. É interessante ficar claro essa importância do tratamento e ser indicado, caso a mulher saiba que contraiu essa doença, a esperar a cura para se engravidar.

● O pré-natal de uma gestante com hanseníase deve ser diferenciado?

O pré-natal de uma mulher que tem hanseníase será sim diferenciado, já que dependendo da gravidade da doença podem existir sequelas na criança. Na hanseníase a questão começa pela pele, mas o bacilo causador da doença tem preferência por atacar os nervos periféricos e a partir disso começam as outras complicações, inclusive a doença pode comprometer a visão por conta da alteração do nervo ótico, atrofiar músculos, alteração da movimentação. Além da pessoa também perder a autoestima e acabar se isolando, devido a essas situações. Durante o pré-natal, são tomados cuidados gerais para diminuir estas complicações referentes ao ataque dos bacilos nos nervos periféricos da mãe.

● O recomendado é que a mulher que tenha hanseníase espere estar curada para engravidar, porém, muitas mulheres engravidam nesse período, e o Brasil tem mais de 30 mil casos de hanseníase por ano, segundo a OMS. O que contribui para esse cenário, na sua opinião?

São vários os fatores que contribuem para que a hanseníase não seja erradicada no Brasil. A hanseníase é o que chamamos de "doença silenciosa", então ela começa na pele, de forma pouco perceptível, e em embora seja uma patologia de fácil identificação médica, muitas vezes as mulheres que estão infectadas engravidam porque nem sabem que estão doentes.

Outro fator é que a doença tem um tratamento longo e muitas vezes as pessoas abandonam os remédios por não verem o resultado imediato. O que agrava ainda mais a situação é que no Brasil não há políticas públicas que incentivem o planejamento familiar, então se a mulher engravida por acidente as chances de o bebê ter como consequência doenças graves é ainda maior. A hanseníase é uma questão de saúde pública, ainda mais por se tratar de uma doença que se prolifera com mais incidência em classes sociais menos favorecidas, que vivem em espaços menores, com mais pessoas e com poucas condições de higienização.



- Ecodopplercardiograma com fluxo a cores (ecocardiograma transtorácico);
- Teste Ergométrico (esteira);
- Holter de 24 horas (monitor de arritmias);
- Mapa de 24 horas (monitor de pressão arterial);
- Eletrocardiograma (ECG);
- Avaliação Cardiológica;
- Avaliação de risco cirúrgico.

Dr. Marcelo B. Bianchi

Medicina Interna RQE SP 21126
Cardiologista RQE SP 23899
Ecocardiografista RQE PR 19069
CRM-24207-PR

☎ 45. 3222-1881

📞 45. 98433-6817

✉ dr.marcelobianchi@hotmail.com

📍 Rua Santa Catarina, 734
Centro - Cascavel - Pr

Síndrome do coração partido, um problema contemporâneo

Estresse emocional acentuado pode provocar sintomas muito semelhantes aos do infarto, como dor no peito, falta de ar, cansaço, tontura e náuseas. “Trata-se da síndrome do coração partido, que pode afetar qualquer pessoa, sendo mais recorrente em mulheres com idade superior a 40 anos”, explica o médico José Francisco Kerr Saraiva, presidente da Socesp (Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo).

O cardiologista salienta serem muitas as causas que podem provocar a síndrome, como morte de uma pessoa querida, separação conjugal, dificuldades profissionais e financeiras e perda de emprego, descoberta de uma doença grave ou problemas que envolvam os filhos. “O mundo atual, especialmente em países como o Brasil atingidos por crises político-econômicas, desemprego e criminalidade, apresenta um ambiente de forte pressão sobre os indivíduos”, observa Saraiva.

Embora diagnosticada como doença provocada por

razões psicoemocionais, a síndrome do coração partido pode causar disfunções nas contrações dos ventrículos do coração, gerando sintomas iguais aos do infarto do miocárdio. Por isso, exige tratamento médico adequado, muitas vezes com a participação não só do cardiologista, como também de psiquiatra e/ou psicólogo. É uma disfunção cardíaca transitória, mas precisa ser tratada com eficiência, evitando-se complicações.

A prevenção é a melhor forma de combate ao problema. O médico da Socesp indica a realização de exercícios físicos, especialmente em grupos, pois a atividade associada à sociabilização proporciona momentos de descontração e psicologicamente positivos. “Atividade física é sempre adequada e necessária para todos como prevenção às doenças cardiovasculares em geral; para aqueles que estejam submetidos a estresse emocional, é ainda mais importante, podendo evitar a síndrome do coração partido, um mal de nosso tempo”, conclui.



Sobre a Socesp

A Socesp (Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo) é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1976. Regional da Sociedade Brasileira de Cardiologia e Departamento de Cardiologia da Associação Paulista de Medicina, conta com cerca de 8 mil sócios. Os principais objetivos da Socesp são contribuir para a atualização dos cardiologistas do estado e difundir o conhecimento científico gerado pela própria Socesp aos profissionais da saúde que atuam na Cardiologia e para a população.

Sergio Bastos Jr fala sobre a origem emocional das alergias



Sabe aquela alergia crônica que atrapalha seus dias e que obriga você a viver à base de medicamentos? Pois, segundo o especialista em Saúde Integrativa Sergio Bastos Jr, ela pode ser muito mais emocional do que você imagina, e o tratamento pode ser mais acessível, também, cuidando dos seus traumas e fazendo as pazes com sua história de vida.

Sergio Bastos Jr, fisioterapeuta com foco em Saúde Integrativa e sócio da Biointegral Saúde, revela que uma das queixas mais frequentes na prática do dia a dia é a alergia. “Tem gente que já acorda, pela manhã, espirrando, se coçando, começando o dia de um jeito nervoso e estressado. Tem quem já se acostumou

com a alergia a tal ponto que nem lembra mais como é viver sem ela. Mas é possível quebrar essa linha de raciocínio do organismo, ou seja, eliminar o agente para acabar com a reação, já que a alergia é sempre uma resposta do nosso corpo a algo”. Segundo ele, o segredo é descobrir a quê.

“Existem muitas respostas possíveis e é preciso estudar cada caso separadamente. Mas uma coisa é certa: grande parte das alergias tem fundo emocional e, por isso, os medicamentos funcionam como paliativos, nos fazem conviver melhor com os sintomas, mas não conseguem eliminar o agente”, explica Sergio.

Imagine a seguinte situação: uma rinite que

é desencadeada a cada mudança de temperatura, como aquelas causadas pelo entra e sai de um escritório onde o ar-condicionado está ligado. A alergia é sempre relacionada ao próprio ar, à limpeza do equipamento que resfria o ambiente ou à mudança de frio para calor e vice-versa, certo?

Será? O especialista questiona: “E se eu disser que é muito mais fácil, e comum, que haja uma causa emocional que desencadeia a alergia, e que a mudança de temperatura é somente, digamos a ‘desculpa’ que o corpo acha para permitir que a alergia seja acionada?”.

Sergio lembra: “A primeira alergia é a dos bebês, que

estão vivendo a adaptação do EU ao NÃO EU, que é toda novidade no mundo, e que nós, em menor ou maior escala, também estamos vivendo o contato com o novo a cada dia”.

Pois, se o contato com o novo provoca insegurança e medo, mesmo que inconscientes, eles podem vir mascarados de alergia, para que o corpo possa se proteger e nos proteger daquilo que é considerado uma ameaça! Mas, como saber?

Conforme explica o fisioterapeuta: “Buscando as causas primárias da alergia, por meio de técnicas de saúde integrativa que vão encontrar, lá no fundo, de onde as reações estão vindo, do que elas querem nos proteger”.

Alergia geralmente é reação que vem do medo

Para Sergio Bastos Jr, as causas reais podem ser muitas: “medo do perigo, do abandono, da morte, de não conseguir atingir seus objetivos, de se separar de alguém querido ou de não conseguir se separar de alguém que nos faz mal. O medo é o principal agente de toda alergia. Ele está lá, a maioria das vezes agindo de forma silenciosa. Encontrar a causa ajuda a eliminar o agente e, portanto, as reações. Claro que é preciso um tratamento, trabalhar corpo e mente, mas temos inúmeros casos em que a pessoa simplesmente descobre que a alergia não está mais lá”.

Parece impossível?

Segundo Sergio, não é! “Basta entender que existe uma causa para tudo e que ela pode estar mais dentro de nós do que imaginamos. É preciso vasculhar nosso interior, buscar nas nossas emoções o que nos torna vulneráveis. Mas é possível e, muitas vezes, quando o tratamento é realizado da forma correta, tem um desenvolvimento rápido. O que não pode é achar que é normal sentir-se mal todos os dias”, finaliza.

Fonte:

www.biointegralsaude.com.br

23,2 mil pacientes esperam transplante de rim no Brasil

Eliminar impurezas do sangue, manter o equilíbrio hídrico do corpo e produzir hormônios são algumas das importantes funções desempenhadas pelos rins. Quando apresentam problemas no funcionamento, deixam de desenvolver essas atividades corretamente, sendo necessário tratamento medicamentoso e dietético, para casos menos graves, e tratamento dialítico e transplante, para casos mais severos.

Em até 80% dos casos os rins podem perder sua função

sem que os pacientes apresentem muitos sintomas. No entanto, uma parcela de pessoas pode desenvolver pressão alta, fraqueza, anemia, inchaço nos pés e rosto. Estes são sinais de alerta para que se procure ajuda médica o mais rapidamente possível. Algumas doenças como hipertensão arterial, diabetes, nefrites, anomalias anatômicas do aparelho urinário e infecções urinárias frequentes podem levar a uma futura necessidade de diálise e, possivelmente, um transplante renal.

Segundo dados do SIG (Sistema de Informações Gerenciais) do Sistema Nacional de Transplantes (SNT) e SIG/SP, a lista de espera de potenciais receptores ativos de rins no Brasil chegou a 23.262 em fevereiro de 2019. Aproximadamente 51% desses estão no estado de São Paulo, 12% em Minas Gerais, 4,5% na Bahia e 4,3% no Rio de Janeiro. Além disso, pouco mais de 430 pacientes também esperam pelo transplante de rins e pâncreas.



Exames diagnósticos têm papel fundamental

Pacientes que precisam de um transplante têm duas opções: contar com um órgão de um doador vivo ou falecido. A busca pela doação de um órgão pode chegar a anos ou nunca se efetivar, mas quando a possibilidade surge, novas etapas se iniciam. É preciso checar a compatibilidade entre doador e receptor e o estado de saúde do beneficiado.

No pré-transplante, primeiramente é preciso avaliar a tipagem sanguínea, que segue as mesmas regras da doação de sangue, independente de fator positivo ou negativo. Segue-se a análise dos Antígenos Leucocitários Humanos (HLA), que avalia os leucócitos ou células brancas do sangue e identifica a compatibilidade entre os indivíduos. Por fim, a prova-cruzada de linfócitos (cross-match), mostra se o receptor tem anticorpos dirigidos contra os antígenos do doador e se rejeitará o órgão. Receber um órgão de alguém com antígenos semelhantes, aumenta o êxito do transplante.

Além disso, exames para avaliar o estado geral de saúde do receptor

são necessários, como a uretrocistografia miccional e retrógrada (avalia função da bexiga e ureteres), raio X de tórax, eletrocardiograma, avaliação dentária e consulta ginecológica, para mulheres, ou exame de próstata, para homens, entre outros.

As chances de sucesso de um transplante dependem do êxito de uma cirurgia de grande porte e das possibilidades de infecção pós-cirurgia e rejeição do órgão. “Além dos exames de histocompatibilidade realizados no pré-cirúrgico, outros fatores, como a vigilância sobre alguns vírus deve ser realizada pela equipe médica que acompanha o paciente”, alerta o coordenador de infectologia clínica do Hospital do Rim e do Hospital São Luiz-Jabaquara, Daniel Wagner Santos.

O Citomegalovírus (CMV), maior vírus da família dos herpesvírus humano e comum na população em geral, pode manifestar doenças em pessoas com sistema imunológico comprometido e em receptores de transplante de órgãos sólidos (TOS), causando doenças

gastrointestinais, pneumonite, hepatite, encefalite, além de efeitos indiretos como a redução da sobrevida do paciente, aumento dos riscos de infecções por outros agentes infecciosos e disfunção do enxerto.

Já o BK Polioma vírus (BKV), vírus também presente em aproximadamente 90% da população e praticamente inofensivo para indivíduos imunocompetentes, é uma grande causa de complicações pós-transplante. Este vírus está associado à nefropatia pós-transplante renal, causando danos e perda do enxerto, ainda nos primeiros dois ou três anos pós-transplante. “Os exames moleculares têm sido importantes ferramentas para acompanhamento do paciente transplantado. No caso do BKV, é possível detectar o vírus precocemente na urina. Com um resultado positivo é possível prever uma futura nefropatia e tomar medidas preventivas”, explica o infectologista. Também o Epstein-Barr Vírus (EBV) está presente entre 3 e 5% dos transplantados de rim. Quando

detectado no paciente, é necessário alterar o regime de imunossupressão, evitando o adoecimento.

A técnica de PCR (Reação em cadeia da Polimerase) consiste em amplificar milhares de vezes uma região específica de DNA, gerando ao longo de seus ciclos uma grande quantidade de ácido nucleico, a qual é utilizada para uma análise rápida e de alta sensibilidade. Na detecção do CMV, a técnica é mais informativa que a tradicional sorologia, permitindo a quantificação da carga viral do DNA do vírus. “Com a quantificação da carga viral é possível definir a progressão da doença e estabelecer estratégias antivirais profiláticas e terapêuticas precoces”, conclui Daniel.

Além do monitoramento de alguns vírus e manutenção de hábitos saudáveis, o paciente transplantado deve fazer uso de medicação contínua que ajuda a evitar a rejeição do órgão. Cuidados essenciais para melhoria da qualidade e expectativa de vida.



Incontinência urinária pode ser tratada sem cirurgia

Algumas mulheres podem perder urina involuntariamente ao fazer exercícios físicos, tossir ou rir. A incontinência urinária de grau leve é um distúrbio que pode manifestar-se tanto em mulheres mais maduras - quando a incidência é maior -, mas também pode acometer as jovens. De acordo com a SBU (Sociedade Brasileira de Urologia), o problema atinge 35% das mulheres com mais de 40 anos, após

a menopausa e em 40% das gestantes. Além da gravidez e do parto, as causas são inúmeras, como obesidade ou tosse crônica em fumantes.

As mulheres são as mais afetadas pelo distúrbio, duas vezes mais que os homens, a SBU estima que 10 milhões de brasileiros sofram com algum grau da disfunção. Se não tratados, os sintomas iniciais da incontinência urinária podem evoluir para

graus mistos e de urgência, quando o paciente não consegue controlar a bexiga.

Tradicionalmente, o tratamento é cirúrgico, com exercícios para fortalecer a musculatura pélvica ou com o uso ininterrupto de medicamentos. Recentemente, um procedimento conhecido da estética vem sendo utilizado para corrigir graus leves do distúrbio. “O laser pode ser uma opção para essas mulheres, as sessões

estimulam o músculo aumentando o tônus muscular e auxiliando na contração da uretra”, conta Adriana Lopes, ginecologista e obstetra, que trabalha com procedimentos de estética íntima feminina.

Cada caso precisa ser previamente avaliado e diagnosticado, no entanto em geral são indicadas de três a cinco sessões, realizadas em consultório. Adriana explica que costuma recomendar o tratamento multidisciplinar,

aliando o laser aos exercícios pélvicos. Além de solucionar a queixa, as sessões previnem a incontinência e evitam que ela evolua para casos cirúrgicos. “Os procedimentos de rejuvenescimento vaginal, como o laser são menos invasivos que as cirurgias e também causam pouca ou nenhuma dor. Em alguns casos, eles podem evitar que a paciente passe por uma cirurgia quando usados de forma preventiva”.



PROMOÇÃO
VARILUX
EM DOBRO

O QUE ERA ÓTIMO PODE
FICAR AINDA MELHOR?
**COM A ESSILOR
PODE!**


CENTRO ÓPTICO PARANÁ
VARILUX CENTER

Tel 45.3037-6061
Rua Minas Gerais, 1932
Sl.01A - Ed. Unique Centro
CEP 85.812-035 - Cascavel - Pr

Desafios do tratamento para quem tem Mal de Parkinson

A doença de Parkinson (DP) é uma perturbação degenerativa crônica do sistema nervoso central que afeta principalmente a coordenação motora. Dessa forma, o tratamento odontológico quando direcionado a pacientes que sofrem dessa doença necessita obrigatoriamente de cuidados especiais.

Em razão do Dia Mundial do Parkinson, lembrado em 11 de abril, Gustavo Issas, que é especialista em implantodontia e próteses dentárias, aproveitou para falar sobre os principais desafios e necessidades no atendimento a pacientes com Parkinson e que possuem necessidades especiais: “O mais importante nesses casos é buscar um profissional preparado tecnicamente e com paciência,



pois normalmente esses pacientes se sentem envergonhados quando causam algum problema na consulta. São pacientes que demandam cuidados adicionais e por decorrência da doença precisam de atenção redobrada, e serem atendidos por um profissional experiente”.

Gustavo Issas separou alguns dos principais pontos a serem observados no atendimento dentário de pacientes com Parkinson. Confira a seguir.

FAMÍLIA

Um ponto importante é a interação com a família e a equipe médica do paciente que necessita de fisioterapia, nutricionista, fonoaudióloga, psicólogo e médicos. Assim todos devem estar de acordo com o tratamento, devem participar de alguma forma e incentivar para que tudo corra bem. É preciso entenderem que, com o início da doença, aumentam a incidência de cárie, doença gengival e problemas nas próteses.

POSICIONAMENTO DO PACIENTE

No consultório, o dentista deve ter cuidados especiais para manter em posição o paciente que muitas vezes não se mantém parado devido ao Parkinson. Para isso, ele pode usar dispositivos especiais para manter a boca aberta, as bochechas afastadas e a cabeça imóvel, e deverá ter uma assistente treinada, além de manter a cadeira pouco inclinada e fazer o atendimento preferencialmente pela manhã e

consultas rápidas.

SALIVAÇÃO E HIGIENIZAÇÃO

Outro ponto muito importante é que esses pacientes apresentam baixa salivação e deficiência na deglutição, o que dificulta o uso das próteses, e, pela falta de coordenação motora, há grande dificuldade para escovação. Daí a importância da orientação aos acompanhantes e aos familiares sobre a higienização e cuidados especiais com as próteses.

Cuidados com as próteses e escovas especiais
Os cuidadores devem aprender a higienizar as próteses de forma correta e às vezes supervisionar a escovação. Nesses casos as escovas elétricas, os irrigadores de água e as escovas especiais são fundamentais para auxílio no cuidado da limpeza dos dentes. O tratamento é desafiador pelas dificuldades e principalmente pelos benefícios que promove ao paciente, melhorando a saúde bucal e as condições de alimentação, higiene e estética.